

Neste livro reúne-se pela primeira vez o conjunto da produção ensaística de Benedito Nunes em torno da obra do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto. O projeto inicial desta edição girava em torno da republicação de um estudo de Benedito Nunes que há muito está fora de circulação, o livro *João Cabral de Melo Neto*, publicado pela Editora Vozes em 1971, na coleção Poetas Modernos do Brasil, dirigida por Affonso Ávila. Mas o projeto logo se ampliou, com a inclusão de dois outros estudos de Benedito Nunes sobre João Cabral: o artigo "João Cabral: poesia e filosofia", publicado em Portugal na revista *Colóquio Letras*, em número dedicado à obra do poeta pernambucano, e o ensaio, inédito até agora, "A Geração de 45 e João Cabral".

Benedito Nunes * João Cabral: a máquina do poema

LETRAS & IDÉIAS

Cód. EDU: 428000

ISBN 978-85-230-0943-4



9 788523 009434

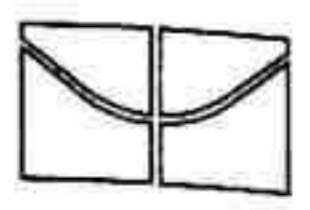
LETRAS & IDÉIAS

Benedito Nunes

João Cabral: a máquina do poema

ADALBERTO MÜLLER (ORG.)

EDITORA
UnB


FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor
Timothy Martin Mulholland

Vice-Reitor
Edgar Nobuo Mamiya

EDITORA

UnB

Diretor
Henryk Siewierski

Diretor-Executivo
Alexandre Lima

Conselho Editorial

Beatriz de Freitas Salles,
Dione Oliveira Moura, Henryk Siewierski, Jader Soares Marinho Filho,
Lia Zanotta Machado, Maria José Moreira Serra da Silva, Paulo César Coelho
Abrantes, Ricardo Silveira Bernardes, Suzete Venturelli



JOÃO CABRAL: A MÁQUINA DO POEMA

Benedito Nunes

Organização e Prefácio:
Adalberto Müller

Coleção Letras & Idéias

EDITORA

UnB

Neste livro, reúne-se pela primeira vez o conjunto da produção ensaística de Benedito Nunes em torno da obra do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto. O projeto inicial desta edição girava em torno da republicação de um estudo de Benedito Nunes que há muito está fora de circulação, o livro *João Cabral de Melo Neto*, publicado pela Editora Vozes em 1971, na coleção Poetas Modernos do Brasil, dirigida por Affonso Ávila. Mas o projeto logo se ampliou com a inclusão de dois outros estudos de Benedito Nunes sobre João Cabral: o artigo "João Cabral: filosofia e poesia", publicado em Portugal, na revista portuguesa *Colóquio Letras*, em número dedicado à obra do poeta pernambucano, e o ensaio, inédito até agora, "A geração de 45 e João Cabral".¹

Os textos de Benedito Nunes sobre João Cabral constituem, cada um a seu modo, momentos decisivos na fortuna crítica do poeta pernambucano, ao passo que nos ajudam a compreender melhor a envergadura e a riqueza da obra do crítico paraense. O estudo monográfico de 1971 é um dos pilares das primeiras grandes leituras sistemáticas da obra de João Cabral, juntamente com os textos de Lauro Escorel, José Guilherme Merquior e Luís Costa Lima.² Munido de vasta leitura teórica e literária e de um conhecimento aguçado da literatura brasileira produzida a partir dos anos 1950 (sobretudo de Clarice Lispector e Guimarães Rosa, ambos contemporâneos de Cabral), Benedito Nunes lê o conjunto da obra do poeta (até a publicação das *Poesias completas* pela editora Sabiá, em 1968) sob uma chave filosófica, com a qual concilia elementos do *new criticism*, do melhor estruturalismo e da fenomenologia.

Ao acompanhar atentamente a evolução da obra do poeta desde o livro de estréia (*Pedra do sono*) até *A educação pela pedra*, Benedito Nunes observa a gestação de um projeto

1. Inicialmente, esta reunião incluiria o texto "A máquina do poema", publicado no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, em 3/12/1966, e retomado no volume *O dorso do tigre* (Perspectiva, 1969). Por motivos contratuais, tal ensaio não pôde ser aqui incluído, mas suas linhas mestras estão descritas neste prefácio.
2. Entre as obras citadas por Benedito Nunes no livro de 1971, estão: de Luís Costa Lima, *Lira e antilira* (Mário, Drummond, Cabral), 1968; de José Guilherme Merquior, *Ração do poema*, 1965. Benedito Nunes também cita o ensaio, ainda mimeografado, "Nuvem civil sonhada", de Merquior.

exemplar na poesia de língua portuguesa, projeto marcado por uma absoluta, e até exacerbada, consciência dos mecanismos da linguagem poética, passando por uma negação do poético (que coincide com o que B. Nunes chama acertadamente de “desagregação da metáfora”) em benefício de uma observação aguda dos problemas sociais mais graves do Brasil. Essa polaridade entre o metalingüístico e o social, entre o “cerebral” e o “participante”, que o próprio Cabral tensionou com o título *Duas águas*, tem levado ainda hoje a uma interpretação inexata da obra do poeta, interpretação essa já condenada por Benedito Nunes: “O primeiro equívoco é considerar os dois tipos de dicção como espécies distintas de poesia, uma fácil e outra difícil, uma acessível e penetrável, outra requintada e supere laborada” (p. 59).

Benedito Nunes demonstra lucidamente que um livro como *O cão sem plumas* contém ao mesmo tempo os elementos de “temas sociais” e de “metapoesia”, de “participação” e “lógica composicional”. As “duas águas” deveriam ser assim encaradas como duas faces de uma mesma poesia. Isso não impede que se trace uma diferença, da qual o crítico não se esquivava:

É precisamente sob o aspecto da comunicação... que a diferença... pode ser estabelecida. Não é a quantidade de informação nem as qualidades formativas da poesia que estão em jogo na “segunda água”, mas o aumento do volume e da área da sua comunicabilidade. Temos assim, em vez de duas espécies de poesia, dois tipos de dicção que se distinguem em função do destinatário e da modalidade de consumo do texto (p. 61).

Um salto, sem dúvida, este que aqui se deu, para além do estruturalismo um tanto quanto obtuso que a crítica brasileira, com raras exceções, praticava. Mas também um salto para além da crítica ideológica mais tacanha, que queria ressaltar na obra de Cabral a importância do aspecto “participante”, ignorando a “água” menos comunicativa, quando não a tachava simplesmente de hermética ou alienada.

A verdade é que poucos estudos sobre João Cabral, até meados dos anos 1990, iriam além das considerações de Benedito Nunes, e muitas das anotações do crítico paraense serviriam de motivo para estudos posteriores ao seu. A matriz de um estudo como o de João Alexandre Barbosa (*A imitação da forma*) pode ser subsumida numa observação de Benedito Nunes sobre a utilização de metros populares por João Cabral: “A aproximação é mimética, não apenas no sentido da retomada de uma fórmula,

mas também porque o autor como que adota o ponto de vista, a *mimese* inerente à forma” (153). A ênfase numa “poesia com coisas”, de caráter fenomenológico, que viria a ser a preocupação de um estudo como o de Marta Peixoto, já está bem delineada nas páginas em que Benedito Nunes analisa o livro *A educação pela pedra*. A compreensão que tem, como filósofo que é, da fenomenologia husserliana, dá à análise de Benedito Nunes um peso conceitual raro em nossa crítica literária. Se não, vejamos a análise memorável que ele faz de um poema como “O relógio”:

Toda uma visão da realidade está implicada tanto pela morfologia do sensível como pela transferência das coisas a cadeias verbais distintas, que permitem apreendê-las de modo diferente, sob várias imagens, na arquitetura prismática do poema. A realidade, de onde o invisível foi suprimido, é plural, multicêntrica e escalonada. Mas se o invisível foi suprimido, o visível escalona-se, no entanto, em diversos níveis de abstração e concretude, a que se estendem as formas intercambiantes das coisas, unidas sem confundir-se, como os fios de uma teia em crescimento de que fazem parte os objetos sensíveis com suas essências materiais. Nesse mundo de João Cabral não há nem transcendência nem imanência. São as relações de equivalência, de inclusividade, de complementaridade, de oposição, que situam os objetos numa teia verbal que se rompe em determinados pontos para se refazer adiante, a partir de um novo centro. O centro do qual a teia reparte, de cada vez, nada tem de substancial. É um objeto qualquer, como origem de uma série, como elemento de um conjunto, membro por sua vez de outro conjunto maior. Trata-se de um mundo mais lógico que cosmológico, e mais fenomenológico que lógico. A percepção dirige-se aos objetos sem esgotá-los. Sem atingir-lhes o núcleo, sempre referido como limite ideal da apreensão perceptiva, explora-os do ângulo específico de cada sentido (cf. p. 93-94).

Enfim, ao longo do ensaio, Benedito Nunes não deixa de colocar em pauta discussões que giravam em torno da obra de Cabral, como a da sua ligação intelectual com os integrantes do grupo dos poetas concretistas, que o viam como um dos que sinalizavam com o “fim da poesia discursiva e do verso”, idéia com a qual Benedito Nunes estava longe de concordar, como se lê em alguns trechos do livro de 1971. Como grande leitor que é, Benedito Nunes também não deixa de destacar algumas das influências decisivas no pensamento de Cabral, como Valéry, Le Corbusier e Joaquim Cardozo; num capítulo interessantíssimo, adiantando em alguns anos a voga da literatura comparada, estuda a relação da obra de Cabral com a de Francis Ponge

e com a do pintor catalão Joan Miró (mais uma vez daria a dica para outro estudo, desta vez o ótimo trabalho de Agui-naldo José Gonçalves, *Transição e permanência: Miró/Cabral*, de 1989).

O ensaio "A máquina do poema", publicado cinco anos antes do estudo monográfico, desenvolve um tema capital para a crítica cabralina, tema que seria retomado naquele estudo de 1971: a questão do humor na poesia de Cabral. É justamente ao tentar compreender o sentido do humor do poeta que o crítico escapa das malhas impostas pela questão do "cerebralismo" da estética cabralina.³ Logo no início do ensaio Benedito Nunes já adverte que em *A educação pela pedra*:

[o] rigor da expressão, o esquematismo do conjunto, a impressionante lógica da sintaxe são sustentados pela atitude objetivista do poeta, que reflete, calcula, explica e conclui, em versos severos, escritos num ritmo que é novo na poesia de João Cabral de Melo Neto, e do qual decorrem alguns efeitos, responsáveis por essas gradações de humor, ora sarcástico, ora grotesco, de que o seu livro está cheio (p. 266).

Assim sendo, o crítico acompanha essas gradações e vai tecendo relações entre a lógica da composição inerente à "máquina do poema" e à atitude satírica do poeta:

[...] com o seu humor avesso à galhofa, acre, contundente, sarcástico, [o autor] desvenda o âmago risível de situações e exhibe o resíduo inumano, a essência cruel da existência, o grotesco e o absurdo das coisas. O humor requer senso de objetividade nos julgamentos. Mantido por uma aparência de indiferentismo diante do que se analisa e expressa, a minúcia e a precisão ajudam a reforçá-lo. Esse indiferentismo no revolvimento das coisas, no descrever os seus avessos e enfatizar os seus contrastes, assinalado por Bergson em *Le rire*, tem, como bem viu o nosso João Ribeiro, um fundo sentimental, que a "evidência obtida pela aniquilação" neutraliza intelectualmente. O humor de João Cabral conhece todas as asperezas da sinceridade intelectual. Passando pelo grotesco, que lhe dá a tônica para a impiedade da sátira, chega ele a proporcionar-nos aquele extremo da amargura virulenta de Swift, que o absurdo instiga, e à luz do qual tudo se torna sério e risível ao mesmo tempo (p. 272).

3. Sobre a influência que o próprio poeta impõe a seus críticos, cf. o ensaio de Alcides Villça, "Expansão e limite na poesia de João Cabral", em BOSI, Alfredo (Org.). *Leitura de poesia*. Ática, 1996.

Ao destacar a função ao mesmo tempo temática e expressiva do humor na poesia de João Cabral, mais uma vez o crítico foge dos reducionismos da *close reading*, e o faz exatamente por que sua mirada visa a um ponto aquém e além do texto, um ponto em que se deve estar à escuta da linguagem. Desse modo, muitas das observações que Benedito Nunes faz sobre a poesia de João Cabral transcendem a mera leitura e impõem-se como modos de pensar a literatura e, conseqüentemente, a linguagem. A crítica aqui não se afasta muito do ideal de uma filosofia, filosofia que não está distante da poesia, coisa que o leitor poderá constatar nos dois parágrafos finais desse ensaio de Benedito Nunes:

Oposições e equivalências, esvaziamento e acréscimo, movimentos internos da poesia de *A educação pela pedra* configuram os acordos e os desacordos, os antagonismos e os nexos do mundo e da vida. Nesse livro, cada poema é um mundo verbal completo, denso, que se enrola sobre si mesmo, mas para desenrolar sobre o real, num desmentido à tese de intransitividade da linguagem poética, a teia dos significados que o iluminam.

Cosmo onde as palavras, como objetos de primeiro plano, são diretamente intencionadas, a linguagem poética não obstrui, com o seu mundo próprio, a passagem para o das coisas e relações humanas. Apenas sucede que, reativando o poder originário da linguagem, que é o de criar, com os nomes e suas relações, as primeiras coisas e os primeiros nexos significativos entre elas, a poesia não se liga ao conjunto da realidade já feita e já constituída, que o romance, por exemplo, tem por função analisar e interpretar. A passagem se efetua, acima ou abaixo da realidade constituída, no domínio dos possíveis modos de ser que a linguagem poética entreabre, e que permitem visioná-la como um conjunto de ilimitadas possibilidades, algumas das quais ficam em suspenso no universo imaginário do poema. Em *A educação pela pedra*, de João Cabral de Melo Neto, esse universo imaginário, que nasce da máquina poética, do *ensemble* da composição, é, na sua impressionante transparência, homólogo ao outro, natural e humano, com o qual nos comunica (p. 274-275).

A relação entre a poesia e a filosofia, em torno da obra de Cabral, seria retomada anos depois por Benedito Nunes no ensaio "João Cabral: filosofia e poesia". A partir da primeira frase desse ensaio, o leitor já se pode situar no domínio de especulação característico de Benedito Nunes, cuja obra realiza um dos diálogos mais profícuos entre a literatura e a filosofia de que tenho notícia. Cito a frase: "Nunca são diretas e sim

transversais as relações entre poesia e filosofia". Essa "transversalidade", Benedito Nunes vai buscar num mergulho nas águas profundas da linguagem, na qual a poesia é filosofia, e a filosofia, poesia.⁴ O crítico retoma aqui a discussão sobre as "duas águas" da poesia cabralina, relacionando-as com o pensamento "filosófico" que se elabora nos poemas. Mas, aproximando-se das últimas produções de Cabral, Benedito Nunes desvenda o aspecto memorialístico que passa a se delinear nos últimos livros do poeta pernambucano.

Finalmente, esta edição traz o ensaio inédito "João Cabral e a Geração de 45", que tenta deslindar a velha querela da relação de Cabral com seus companheiros de geração, dos quais João Cabral iria afastar-se sobretudo no que diz respeito à concepção de poesia, mas também relativamente à consciência da função social que esta deveria exercer. Para fundamentar sua leitura, Benedito Nunes esmiúça algumas das características formais e temáticas da obra de alguns dos principais representantes da Geração de 45, não se furtando a ler com a atenção que lhe é característica alguns poemas representativos de cada autor. Por isso mesmo, o ensaio de Benedito Nunes serve tanto a uma compreensão da relação de João Cabral com seu tempo (com a história) quanto para um questionamento sobre a história da poesia brasileira do pós-guerra. Lendo este ensaio de Benedito Nunes, sentimo-nos tentados a usar as mesmas palavras que ele usou no ensaio "*Poesia e filosofia*", modificando-as, o que nos daria a seguinte sentença: nunca são diretas e sim transversais as relações entre poesia e história.

No conjunto, a leitura dos ensaios de Benedito Nunes sobre João Cabral, escritos ao longo de trinta anos, permite-nos afirmar que o crítico-filósofo nunca deixou de pensar a poesia de João Cabral. Daí que este livro, embora seja uma reunião de textos publicados de forma esparsa, pode revelar uma unidade que Benedito Nunes terá premeditado e que agora, acreditamos, se concretiza na forma de livro.

✱ JOÃO CABRAL DE MELO NETO
(Da coleção Poetas modernos do Brasil)*

*...com efeito, a pedra
resume unidade e dureza.*

Murilo Mendes, *A idade do serrote*

*A poem is a small (or large)
machine made of words.*

William Carlos Williams, *The wedge*

Que se dissipou, não era poesia.

Que se partiu, cristal não era.

Carlos Drummond de Andrade, *A rosa do povo*